

1

Introdução

No passo 607 b5,6, no último livro da *República*, Sócrates diz que é antiga a querela entre a poesia e a Filosofia¹. Mais uma vez, a divergência entre essas duas linguagens eclode. Dessa vez, o diferendo é considerado através de uma análise abrangente, como nunca havia sido feita anteriormente, por um dos maiores pensadores de todos os tempos. A poesia é o assunto central de três dos dez livros que compõem *A República*, de Platão. No diálogo, o autor desenvolve uma teoria poética que tem por objetivo estabelecer normas para orientar os poetas na produção de suas obras. Fornecer parâmetros e regras aos poetas é necessário, pois estes demonstraram muitas vezes em suas obras desconhecer aquilo mesmo de que se propõem falar. Platão reconhece na poesia uma importante ferramenta didática que deve ser utilizada desde os primeiros anos da educação das crianças. A crítica poética dos livros II, III e X visa regulamentar a poesia para que seja utilizada no processo educacional da classe de homens que será responsável pela segurança e pelo governo da cidade que é descrita por Sócrates e seus interlocutores no decorrer do diálogo. A importância da tarefa reservada ao discurso mítico – formar durante os primeiros anos da *παιδεία* essa classe de cidadãos – faz com que a poesia seja uma das peças centrais na construção e na manutenção da constituição política reta (*ὀρθὴ πολιτεία*) da cidade. Por isso, como observa Paul Viccaire², a poesia, assim como as demais artes, não deve ter liberdade para proceder livremente, sem obedecer a nenhuma norma. A poesia assume a função de fornecer exemplos virtuosos aos cidadãos, mas, para isso, é preciso assegurar que os mitos somente apresentem conteúdos verdadeiros. Assim, pela boca de Sócrates, como em muitos outros diálogos, Platão determina padrões de como devem ser representados os conteúdos tradicionalmente retratados pelos poetas em suas composições e também estabelece a forma de discurso que estas devem ter para cultivar nobres valores nas almas dos ouvintes ou espectadores de qualquer narrativa. Platão também

¹ Sobre as divergências entre a Filosofia e a Poesia, ver: CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae*. As origens do pensamento filosófico grego. Tradução Maria Manuela Rocheta dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1952, p. 233 – 253.

² VICCAIRE, P. *Platon: critique littéraire*. Paris: C. Klincksieck, 1960, p.406.

regulamenta a parte musical da poesia, estabelecendo as harmonias e os ritmos próprios para formar o caráter temperante e corajoso.

A necessidade de definir os modelos que devem ser observados pelos poetas em suas composições tem uma forte motivação política, pois a boa administração da cidade depende em grande parte da formação do caráter da classe dos guardiões, e também encerra uma dimensão individual ao incutir em suas almas modelos de conduta determinados a partir de critérios éticos. G. M. A. Grube afirma que a preocupação de Platão na *República* não é com a excelência de um trabalho artístico, mas com o valor social da arte³. Mas, além de a análise da poesia ser orientada por preocupações políticas, há também a dimensão ética da formação de um caráter virtuoso. Assim, muito mais do que poderíamos classificar por critérios estéticos, a crítica platônica da arte é orientada por motivações que, em última instância, visam proporcionar uma vida *εὐδαιμονική* aos cidadãos e à cidade como um todo.

Devido à importância que os guardiões têm para a cidade, a poesia é detalhadamente estudada e normatizada para exercer de forma conveniente a função de educá-los. As considerações de Platão sobre a poesia subentendem em todo momento uma preocupação pedagógica.

A crítica poética é feita em dois estágios. Em um primeiro momento⁴, Sócrates percebe que a melhor educação para crianças e jovens possui duas partes, a saber, a música⁵ e a ginástica⁶. Assim, procura determinar como deve ser feita essa educação, analisando primeiro a música e depois a ginástica. A principal parte da educação pela música é constituída pelos *μύθοι*. Desde muito novas, são contadas às crianças as narrativas das histórias sobre os deuses, os heróis e sobre homens que viveram em tempos primórdios. Os mitos são a primeira fonte de conhecimento transmitida às crianças. Por isso, precisam ser tratados cuidadosamente para que não transmitam noções prejudiciais aos homens desde

³ GRUBE, G. M. A. *Plato's thought*. London: Methen & CO Ltd. 1970, p.182.

⁴ Cf. PLATÃO, *República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 376e2,3. Utilizaremos a tradução acima em nossas citações da *República*. Informaremos no caso de outra tradução.

⁵ Grube observa que a palavra *μουσική* por vezes significa música e algo mais; em outros momentos, inclui todas as artes que têm conexão com as Musas. Quando Platão se refere à educação pela *μουσική*, a tradução mais apropriada, segundo o autor, é 'educação pelas artes'. Cf. GRUBE. op. cit. p. 180.

⁶ A *γυμναστική* não se resume apenas aos exercícios físicos, mas também engloba uma alimentação equilibrada.

cedo. Porém, Sócrates não consegue concluir toda a teoria poética nesse primeiro estágio, pois ainda não considerou questões de caráter ontológico, epistemológico e psicológico que somente serão analisadas depois desse primeiro momento da crítica. Assim, torna-se necessário o retorno à questão poética depois de se obter o conhecimento sobre tais assuntos. Então, no livro X, Sócrates tem a chance de terminar por completo a análise poética, determinando definitivamente – legitimado pelas teses centrais do diálogo – as diretrizes para a poesia. Dessa forma, tentaremos entender os argumentos apresentados pelos três livros (II, III e X) como um único argumento dividido em dois momentos devido à necessidade de se esclarecerem questões sobre outros assuntos que são essenciais à conclusão da crítica poética.